

A ALTERIDADE EM UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA: O CASO DE UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Simone de Jesus da Fonseca¹
Vania Maria Batista Ferreira²
José Anchieta de Oliveira Bentes³

Resumo: Este trabalho investiga como os sujeitos jovens com deficiência intelectual se constituem nas relações de alteridade com seus colegas e com os funcionários da escola. A metodologia baseia-se em Bakhtin (2010a 2010b; 2016) e Volóchinov (2017) tendo como tipo de pesquisa a Análise Dialógica do Discurso. Como resultado, diversas formas de alteridades são estabelecidas.

A constituição do ser na perspectiva da alteridade

Este trabalho tem por objetivo discutir a questão de uma identidade que vai para além de um ‘eu’ solitário, que basta em si mesmo, cuja resposta não é completa em sua subjetividade. Esse “eu” dentro da perspectiva da Deficiência Intelectual (doravante DI) se encontra com o “outro” e se transforma, e assim, sua identidade não é fixa e nem limitada, sua identidade vai se constituindo do seu “eu” e da voz alheia. Nesta perspectiva tem como questão central: como as percepções de alteridade influenciam na constituição da identidade da pessoa com DI?

A questão da identidade na perspectiva de Bakhtin, conforme Miotello & Moura (2012), é uma discussão bastante complexa. Esses autores argumentam que a concepção bakhtiniana supera a fórmula de Descartes em que *Eu penso e logo eu existo*. Na concepção contemporânea bakhtiniana, o “eu” vai se impondo, não como *construtor*, mas como *Constructo*. É importante entender que o “eu” como *construtor* não desfaz a identidade, porém ela não é mais o ponto de partida.

O ponto de partida desse processo passa a ser o *construtor*, que no caso é o “outro”. Então, a celebre frase existencial ficaria constituída da seguinte forma: *Eu sou pensado, logo eu existo, e penso!* Nesse sentido, partimos de uma identidade alargada em que consideramos a interação do “eu” e do “outro”. Deste modo, Miotello & Moura (2012, p. 13) nos diz que

Cabe ao outro me fazer viver, existir, e para isso tem que me incompletar. Ele tem essa atividade como responsabilidade única e pessoal. Ele precisa me responder, se dirigir a mim como respondente sempre. Tarefa do outro no diálogo é a resposta. Precisa romper esse limite identitário fechado, pronto estabelecido por mim. Esse rompimento vai permitir o *alargamento* do meu ser por um outro ser que também se alarga nesse mesmo movimento, pois que também é penetrado profundamente por um eu ativo e respondente. É a interação de “consciência em devir”, em um processo de alargamento, de invasão mútua.

A partir dessa visão podemos conceber a alteridade por meio da afirmação “Eu não posso passar sem o outro, não posso me tornar eu mesmo sem o outro, eu devo encontrar a mim mesmo no outro, encontrar o outro em mim [...] (BAKHTIN, 2010, p. 323).

¹ Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. E-mail: monny@gmail.com.

² Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. E-mail: yvbgrupobase@gmail.com.

³ Doutor em Educação Especial. Professor da Universidade do Estado do Pará. Coordenador do Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educacionais da Amazônia (GELPEA). E-mail: anchieta2005@yahoo.com.br.

Diálogos e relações implicadas

Nossa análise dialógica tem como base a perspectiva bakhtiniana, que traz o ato como um elemento essencial, em que só podemos avaliar o enunciado por meio de um evento real. De acordo com Caracelli (2012, p. 70),

O encontro de palavras não é um encontro de uma palavra pré-fabricada com outra palavra pré-fabricada. É um encontro que se dá em um contexto, naquele momento, no ato de compreensão que se dá entre um eu e um outro. Não há fusão de um mais um. Pela fusão há dois que se encontram e se tornam um.

Sendo assim, escolhemos para este trabalho a metodologia da análise dialógica do discurso, que trará o diálogo entre o “eu” e o “outro” que se transforma a partir da valoração atribuída à pessoa com DI. No que concerne ao pesquisado, é relevante esclarecer que se trata do pai de dois alunos com DI da Educação de Jovens e Adultos (EJA)⁴, é diagnosticado com DI e em razão do estudo dos seus filhos estabelece uma relação no espaço escolar.

Neste trabalho, o pesquisado terá o pseudônimo João, com a finalidade de não revelar o verdadeiro nome, mas ao mesmo tempo, colocá-lo como sujeito de pesquisa e não como um objeto. O relato de João é uma narrativa que revela como ele se vê a partir do “outro” e do mundo que o cerca.

Acontecimento comunicativo nº 1 – O aluno como potencial de ensinar

João – Os professores uma vez eu estudei com eles, e até hoje eles dizem assim – os professores não ensinam os alunos, os alunos que ensinam eles... Eles aprendem com o aluno. Quer dizer que uma coisa que você não sabe o aluno chega lá e diz olha é assim... assim... assim... às vezes o próprio professor não sabe.

A partir do acontecimento comunicativo nº 1, podemos perceber que João estabelece uma relação de alteridade para com o professor, diferentemente da relação tradicional, em que o professor ensina e o aluno apenas aprende, ou seja, uma relação de alteridade sem dominação do professor sobre o aluno com DI. Ao descrever essa relação dialógica, João nos coloca as palavras proferidas pelos professores de que apesar de terem como profissão ensinar, eles reconhecem que na interação com o aluno também aprendem.

A relação entre o “eu” – pessoa com DI – e o “outro” – professor – é um acontecimento comunicativo que tem a marca dialógica, que permite que tanto o “eu” como “outro” no espaço escolar se transformem continuamente em cada ato. Vemos a importância da palavra expressa pelo relato do seu João, em que o professor por meio da palavra o motivou a querer ser mais. Nesse sentido, Volóchinov (2017, p. 205) nos diz que

A palavra é um ato bilateral [...]. Enquanto palavra, ela é justamente o produto de *inter-relações* do falante com o *ouvinte*. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte entre o eu e o outro [...].

⁴ A EJA atende alunos que desejam prosseguir nos estudos, porém estão fora da idade/série. A escola pesquisada tem 21 alunos com deficiência distribuídos em 8 turmas. Os alunos são acompanhados pedagogicamente em sala de aula por duas professoras da Educação Especial.

Além disso, quando diz que podemos não saber algo que o “outro” sabe – não importando se aquele que não sabe é o professor – demonstra a questão da incompletude, porque ninguém – por mais que tenha a identidade de professor, daquele que deveria dominar o “saber” – é incapaz em si mesmo. Esse professor se apresenta como todo o seu humano inacabado.

Percebemos na fala do João a valoração de que ele pode ensinar. E assim a fala do “outro” vai constituindo a pessoa como DI, com uma alteridade de potencialidade para também ensinar, independente de um documento, o laudo que mede sua capacidade cognitiva abaixo de uma média de normalidade.

No próximo ato comunicativo, João fala um pouco sobre o seu saber culinário, uma das atividades que gosta de exercer.

Acontecimento comunicativo nº 2 – Qualificação e visão de mundo

Pesquisadora (PE) – A gente aprende muito com vocês, por exemplo o senhor está me dando uma aula de comida. Tem que pôr em prática essa receita. Uma amiga minha me ensinou receita de pão de alho.

João (JO) – É tem pão de alho, pão de cebola, pão de cenoura, pão de beterraba.

PE – Tudo o senhor saber fazer? O senhor fez o curso?

JO – Eu fiz o curso... Eu fiz o curso lá no SISNE e na Casa do Governador na Dr. Assis, perto do SESC hoje não é mais.... É outra coisa porque cada governo vai mudando o nome dantes era lá.

Nesse momento, a pesquisadora busca saber de que forma o conhecimento culinário do pesquisado foi aprimorado; em contrapartida, ele não apenas relata que tem a sua qualificação por meio de um curso promovido pelo governo, como também demonstra uma visão de mundo enquanto cidadão, explicando que atualmente o curso tem um outro nome, porque cada governo coloca o nome que lhe beneficie, ou que chame atenção para o seu partido, mas que a essência é a mesma. Mesmo que não tenha detalhado as especificidades do “jogo” político, pela transcrição acima, podemos fazer tais inferências.

No ato comunicativo a seguir o de nº 3, João diz que está matriculado em uma escola que tem cursos e oficinas direcionados a pessoa com deficiência.

Acontecimento comunicativo nº 3 – Sendo Professor, hora de SER mais

PE – E lá no Iolanda como é? É bacana?

JO – É. porque é o seguinte lá... se torna assim... os meninos tudo é rapaz, tem rapaz até maior do que eu... mas é assim a professora dá aula, eu também assisto aula, mas na hora do intervalo quando ela sai para ir na secretaria, ou alguma coisa que ela vai resolver. Porque ela não trabalha só na panificação, ela também trabalha na parte da jardinagem. Então, ela vai ver o rapaz... como estão o serviço... o que estão fazendo, aí ela me deixa tomando conta do pessoal.

PE – Ah! Porque o senhor é bem desenrolado?

JO – É. Aí eu tomo conta lá, ela diz faz esse bolo aqui, eu vou lá e fico olhando eles fazê. Égua eu fiz um bolo que chega ficou fofinho...

O pesquisado, neste momento, ao narrar se orgulha da função que exerce, coordenando a turma de culinária, no momento em que a professora se ausenta da classe. Naquele instante, João deixa de ser apenas aluno e assume a função de professor, supervisionando a atividade. O tom da sua voz, o brilho nos olhos enquanto fala dessa experiência é marcante. A valoração que

a professora lhe atribui é a de Ser mais, é uma percepção criadora entre o “eu” e o “outro”, em que ambos se inovam e também a relação de alteridade passa ser de potencialidade.

O fato não apenas João saber cozinhar bem, mas ter esse reconhecimento do “outro”, faz com que ele se sinta seguro para exercer sua atividade, entendo que é uma pessoa com qualificação. Assim, assume uma identidade de um bom chefe de cozinha, de um professor, de um monitor. Essa identidade parte da relação estabelecida entre o “eu” e “outro”. Uma identidade relacional, que parte, portanto, da alteridade. Dessa forma,

A identidade, portanto, se caracteriza como um deslocamento que converge ao outro, a definição do Eu pelo outro. Esse movimento de ligação é mediado pela linguagem. O homem em busca de sua completude tenta encontrar com si mesmo e com o Outro no uso da palavra (MARQUES, 2014, p. 34).

O último acontecimento comunicativo de nº 4, seu João ao ser elogiado, revela que além da alteridade de potencialidade dos trechos anteriores, também convive com a alteridade da exclusão,

Acontecimento comunicativo nº 4 – Não me dão o meu valor

PE – Olha eu não imaginava que o senhor era um cozinheiro de mão cheia!
JO – Ah! (riso nervoso) quem olha para mim e não me dão o meu valor.

A partir das palavras do pesquisado percebemos que ele tem a consciência de que outras pessoas o vêem a partir da sua deficiência, o menosprezando, entretanto, Ele mesmo também se atribui valor, por isso nessa interação entre o “eu” e o “outro”, não há uma imposição entre sujeitos, embora essa interação contribua para sua identidade, nesta fala “quem olha para mim e não me dão o meu valor”, fica a marca da exclusão que é vivida pela pessoa com DI, a percepção da alteridade neste momento é a de exclusão. Em seguida ele fala várias receitas que sabe fazer como modo de mostrar o seu valor, sua habilidade com comida é motivo de orgulho e falar de seus saberes é uma forma também de atribuir o valor de sua potencialidade.

Percebemos durante o relato que entre as experiências de alteridade de potencialidade e de exclusão, o pesquisado deu ênfase na palavra do “outro” que o ajuda a constituir a sua identidade como sujeito de potencialidades.

Considerações finais

O diálogo do “eu” com o “outro” nos transforma. No caso do nosso pesquisado, mesmo sendo determinada a categorização de uma pessoa com o cognitivo abaixo do padrão de normalidade, enquadrado como Deficiente Intelectual, ele, ao se relacionar com o mundo e com o “outro”, tem a oportunidade de ter outra valoração, em que enquanto sujeito histórico tem suas qualidades e potencialidades, sendo capaz de exercer atividades que inclusive lhe oportunize trabalhar como autônomo, ou ainda para terceiros.

Embora tenham sido retirados alguns episódios do relato, João durante a conversa descreveu várias receitas, demonstrando o seu interesse e conhecimento, bem como relatou que sua mãe foi a primeira cozinheira em quem se inspirou. Em sua fala, vemos a contribuição do “outro”, em uma valoração de que ele tem capacidade e criatividade, que a sua condição biológica não limitou sua identidade, que ele se vê como uma pessoa que constantemente está se aprimorando, principalmente na área em que se destaca.

Verificamos que, durante o relato, a questão da alteridade entre pesquisado e pesquisadora foi se transformando, reforçando que o “eu” e o “outro” não é apenas um postulado teórico ou linguístico, é uma questão ontológica e dialética. Nesse sentido, a perspectiva bakhtiniana rompe com a ideia de interação entre o “eu” e o objeto; ele propôs uma interação entre sujeitos, ele revela o “eu” e o “outro”, uma relação que acontece no cotidiano, em tempo real, viva e dinâmica.

Ainda, durante o relato do pesquisado, pudemos perceber que a relação estabelecida expressa nos acontecimentos comunicativos foi dialógica, ou seja, partiu do pressuposto de que devem existir no mínimo duas vozes, que no caso foi de João e o “outro”, que recupera a relação entre sujeitos, traz consigo a historicidade; nenhuma fala pode ser vista sem a prerrogativa de uma arquitetura que possui um tempo e um espaço. Neste movimento, percebemos que a palavra do “outro” possibilita a ampliação da sua identidade.

Portanto, a contribuição deste trabalho é discutir sobre as valorações de alteridade, especificamente da pessoa com DI, demonstrando que a sua interação com o “outro” influencia na sua constituição como sujeito, pois, a partir do diálogo com João, pudemos constatar algo em relação à Deficiência Intelectual que ainda é pouco abordada: pode-se desenvolver a alteridade na perspectiva da alteridade da potencialidade.

Referências

BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.

CARACELLI, C. Resposta de uma ausculta – um ato de compreensão: um encontro de vozes. In: *A escuta como lugar do diálogo: alargando identidades*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

MARQUES, L. Provoações de alteridade. In: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso Palavras e Contrapalavras. *Constituindo o sujeito em alter-ação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2014.

MIOTELLO, V.; MOURA, M. I. *Alargando os limites de identidade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.